


CONSCIENTIZAÇÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO DO HIV/AIDS

AWARENESS OF ADOLESCENTS ABOUT THE IMPORTANCE OF HIV/AIDS PREVENTION

Ana Flávia Pereira de Oliveira¹

 <https://orcid.org/0000000000>

Helem Araújo Silva²

 <https://orcid.org/0000000000>

¹Acadêmicas de Enfermagem da Faculdade Juscelino Kubitschek – JK. Departamento de Enfermagem. Brasília, DF, Brasil.

²Autora correspondente. E-mail: helemsilva234@gmail.com

Como citar este artigo:

Oliveira AFP, Silva HA. Conscientização dos adolescentes sobre a importância da prevenção do HIV/AIDS. Rev Bras Interdiscip Saúde - ReBIS. 2022; 4(3):49-54.

Submissão: 16.08.2021

Aprovação: 30.09.2022

Resumo: De acordo com a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência compreende o período entre os 10 e os 19 anos. Neste mesmo período é que ocorrem as grandes alterações físicas, psicológicas e comportamentais nestes indivíduos. O objetivo geral desse trabalho é conscientizar os adolescentes sobre os fatores de risco da infecção precoce pelo HIV. **Materiais e Métodos:** Pesquisas nas plataformas *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Biblioteca Virtual de Saúde* (BVS). Incluindo periódicos nacionais e internacionais entre 2017 e 2022 e excluindo periódicos anteriores a 2017. No total foram analisadas 38 publicações das quais 16 se encaixavam na busca. Segundo dados do SINAN, de 2007 a junho de 2019, o Brasil registrou 300.496 casos de infecção pelo HIV, sendo 746 (0,2%) na faixa etária entre 10 e 14 anos e 17.169 (5,7%) entre 15 e 19 anos. Os autores têm unanimidade em afirmar que a AIDS na adolescência tem como principais fatores de risco a utilização de drogas ilícitas, a pluralidade de parceiros e o sentimento de invulnerabilidade por parte dos adolescentes, pois acham que AIDS nunca irá os alcançar.

Palavras-chave: AIDS, Enfermagem, HIV, infecção e transmissão.

Abstract: According to the definition of the World Health Organization (WHO), adolescence comprises the period between 10 and 19 years old. During this same period, major physical, psychological and behavioral changes occur in these individuals. The general objective of this work is to make adolescents aware of the risk factors of early HIV infection. Research on the *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) and *Virtual Health Library* (BVS) platforms. Including national and international journals between 2017 and 2022 and excluding journals prior to 2017. In total, 38 publications were analyzed, 16 of which fit the search. According to SINAN data, from 2007 to June 2019, Brazil recorded 300,496 cases of HIV infection, 746 (0.2%) in the age group between 10 and 14 years and 17,169 (5.7%) between 15 and 19 years old. The authors are unanimous in stating that the main risk factors for AIDS in adolescence are the use of illicit drugs, the plurality of partners and the feeling of invulnerability on the part of adolescents, as they believe that AIDS will never reach them.

Keywords: AIDS, Nursing, HIV, infection and streaming.



<http://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis>



revistarebis@gmail.com

Introdução

O vírus da imunodeficiência humana (HIV) pertence à família *Retroviridae* (retrovírus) e subfamília *Lentivirinae* (lentivírus). Este vírus foi isolado em meados dos anos 80 como patógeno da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). Ele também é o responsável pelo declínio da imunologia humana, de forma progressiva e afeta primordialmente os 'linfócitos T' CD4+ (LT-CD4+), além dos macrófagos e das células dendríticas [1].

A ação patogênica do HIV incide na diminuição gradativa dos LT-CD4+, através de mecanismos como apoptose (morte celular fisiológica), fagocitose (destruição de células infectadas ou defeituosas) e a morte celular dos LT-CD4+ quando mutados para linfócitos T citotóxicos CD8+. Quando os níveis fisiológicos do LT-CD4+ atingem o mínimo aceitável, o organismo se torna mais vulnerável às infecções oportunistas [1].

O HIV detectável pode levar facilmente a AIDS, porém na contramão de outras patologias, o sistema imunológico humano não consegue identificar a presença do HIV devido a sua capacidade de mutar do DNA do LT-CD4+ e replicar novas cópias de si. A infecção do organismo pelo HIV ainda não possui cura, o que existe atualmente é um tratamento como doença crônica transmissível a partir de uma terapia medicamentosa, disponibilizada pelo Ministério da Saúde (MS), afim de evitar que o indivíduo chegue ao nível mais avançado da doença, desenvolvendo assim a AIDS [2].

De acordo com a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência compreende o período entre os 10 e os 19 anos. Neste mesmo período é que ocorrem as grandes alterações físicas, psicológicas e comportamentais nestes indivíduos [3].

Ainda segundo a OMS, os adolescentes são indivíduos mais vulneráveis aos riscos das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Nesse período é onde ocorrem diversas descobertas, principalmente em relação à sexualidade, à temas ligados a liberdade sexual, multipluralidade de parceiros, resistência a utilização de preservativos entre outros. Nesse contexto ainda há a necessidade de auto afirmação ou aceitação em seu grupo social [4].

O pensamento equivocado e ingênuo dos adolescentes é capaz de transforma-los em seres invulneráveis, aumentando sua exposição aos riscos de infecção sem que possam mensurar as consequências futuras. Nesse sentido, levando em consideração a alta prevalência de HIV na adolescência, é absolutamente relevante a discussão a respeito da mortalidade por AIDS nessa faixa etária [5].

O objetivo geral desse estudo é baseado na conscientização dos adolescentes sobre os fatores de

risco da infecção precoce pelo HIV e a importância da atuação da enfermagem na prevenção e recuperação da saúde.

Materiais e Métodos

A abordagem do presente estudo foi constituída numa revisão integrativa de periódicos, que visou através da leitura de publicações já existentes a elaboração de uma síntese analítica dos conhecimentos, e a partir deste princípio elaborar um novo tema específico, possibilitando uma nova fonte de conhecimento espelhada em pesquisas anteriores.

Para o desenvolvimento do trabalho foram realizadas pesquisas nas plataformas oficiais como *Scientific Electronic Library Online (Scielo)* e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) do MS.

Os critérios de inclusão foram periódicos em bancos de dados nacionais e internacionais, publicados entre 2017 e 2022, já os critérios de exclusão foram periódicos publicados anteriormente a 2017 e que fugiam ao tema proposto. No total foram analisadas 38 publicações das quais 16 se encaixavam na busca. Os descritores utilizados foram: AIDS, enfermagem, HIV, infecção e transmissão.

Desenvolvimento

O MS, através do seu Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, traz a seguinte informação: “a nomenclatura ‘IST’ (infecções sexualmente transmissíveis) passa a ser utilizada em substituição a sigla anterior ‘DST’ (doenças sexualmente transmissíveis). Esta nova denominação atende a última atualização do regimento ministerial, através do Decreto de Lei nº 8.901/2016 que foi publicado no Diário Oficial da União no dia 11 de novembro de 2016, na Seção I, páginas 03 a 17 [3].

A denominação ‘D’, de ‘DST’, é proveniente de doença, que tem como característica a apresentação de sinais e sintomas no indivíduo. Já a denominação ‘I’ de ‘IST’ caracteriza infecções, que diferente de doença, tem como característica dispor de períodos assintomáticos ou se manter assintomática enquanto o indivíduo estiver vivo, o que pode ocorrer nos casos de HPV ou pelo vírus do Herpes. Sua detecção só pode ser constatada através de exames laboratoriais [6].

A transmissão do HIV pode se dar através de relação sexual anal, oral sem camisinha e vaginal, pelo compartilhamento de seringas, pela doação do sangue contaminado e uso de materiais perfuro cortantes, é possível ainda a transmissão durante a gravidez através do parto ou na amamentação [7].

É importante quebrar mitos e esclarecer que a pessoa com HIV não transmite o vírus das formas a seguir: aperto de mão ou abraço, assento de ônibus, banheiro, beijar o rosto ou a boca, copos, lençóis, masturbação a

dois, piscina, pelo ar, pelas lágrimas ou suor, picada de inseto, sabonete, talheres ou toalhas [8].

Os profissionais da saúde e os órgãos do governo tem a necessidade de aplicar mais campanhas e fazer práticas que possam ajudar a população sobre o conhecimento do vírus HIV, para que aqueles pacientes que já são soropositivos possam viver como qualquer outro cidadão [9].

Devido aos novos casos do vírus HIV e aumento entre os adolescentes que continua no Brasil, em 2018, 21% dos novos casos diagnosticados com HIV, ocorrem em adolescentes, 87% foram homens na idade de 13 a 19 anos, por principal via de transmissão sexual, devido a isso há uma necessidade imediata de tornar os adolescentes, capacitados de reconhecer as possibilidades de contrair o HIV e AIDS e se proteger das infecções sexualmente transmissíveis [10].

O aumento da sobrevivência de adolescentes que possuem HIV se deu em decorrência da aplicação dos cuidados preconizados pelo MS, além dos hábitos para o crescimento e desenvolvimento saudáveis associados a uma rotina de acompanhamento clínico laboratorial e terapia medicamentosa [11].

O ato de viver com HIV na adolescência remete para uma situação complexa, pois engloba diversos fatores, incluindo os aspectos biológicos, culturais, individuais organizacionais, políticos e sociais que norteiam o viver dos adolescentes com HIV/AIDS [12].

Alguns aspectos que fazem com que adolescentes estejam vulneráveis a doença são fatores emocionais, a falta de responsabilidades nas relações sexuais, debilidade na área social e familiar, as procuras de episódios de riscos, assim tornando expostos às infecções [13].

Os adolescentes representam um grupo frágil e de elevado risco para a infecção através do HIV, observando que os jovens estão iniciando suas vidas sexuais cada vez mais cedo, numa média de 15 anos para ambos sexos e muitas vezes eles não se atentam quanto as formas de proteção [12].

A presença de um profissional que eduque e esclareça as suas dúvidas frente às questões de HIV/AIDS é essencial para a adesão dos adolescentes ao tratamento, obviamente que a boa adesão ocorrerá se a família for bem instruída, tendo que incluir o adolescente no processo de comunicação dos benefícios do tratamento [14].

A finalidade da terapia antirretroviral (TARV) é precaver tanto a morbimortalidade quanto a transmissão para outros indivíduos. Para que seja possível alcançar tais objetivos, a TARV deve aplicada de forma a suprimir ao máximo a carga viral do HIV, por isso, a adesão a esta terapia é condição essencial ao sucesso do tratamento e deve ser discutida abertamente desde o momento que ocorre a confirmação da infecção na primeira consulta [14,15].

A AIDS continua registrando muitos óbitos ao redor do mundo. No Brasil, de acordo com os dados disponibilizados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) em conjunto com o

Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS do ano de 2021, a incidência no ano de 2020 foi de 29.917 novos casos, contra 37.731 no ano anterior, caracterizando uma queda de 20,7%. De acordo com os especialistas, os registros de óbitos pelo HIV/AIDS continuam elevados, em 2020 houve a notificação de 10.417 óbitos, contra 10.687 em 2019, registrando uma queda de apenas 2,52% [6,16].

O papel do profissional de enfermagem não é o de julgar o cliente ou expressar seu ponto de vista a respeito da questão, mas seu papel é o de fazer as devidas orientações para recuperação de saúde e sobre a nova realidade que este adolescente irá passar a viver. Por se tratar de uma IST, o adolescente na maioria das vezes chega à UBS ou hospital sem saber exatamente o que dizer ou como ocorreu o contágio, o que ele realmente deseja é receber uma palavra de afeto e carinho [8,17].

Este atendimento dever ser conduzido sem que sejam percebidas críticas ou descaso, uma triste realidade que ainda ocorre em proporções razoáveis em muitas unidades, tanto da rede públicas quanto privada, onde o que ele percebe primeiro é o julgamento por parte dos profissionais envolvidos e só depois o tratamento apropriado [8].

Os enfermeiros como profissionais de saúde com uma formação generalista, atuam nas diversas áreas como preventivas, curativas e principalmente na promoção da educação em saúde. Nesse quesito, o enfermeiro tem a missão de repassar as informações para os adolescentes constitui uma interface da sua atuação, priorizando a recuperação em saúde para os adolescentes [1].

Resultados e Discussão

Nos dados do SINAN, de 2007 a junho de 2019, o Brasil registrou 300.496 casos de infecção pelo HIV, sendo 746 (0,2%) na faixa etária entre 10 e 14 anos e 17.169 (5,7%) entre 15 e 19 anos. De 2008 a 2018, observou-se uma estabilidade no percentual de casos notificados por HIV entre 10 e 14 anos em relação às demais faixas etárias, sendo que, entre homens, manteve-se por volta de 0,1% e, entre mulheres, em torno de 0,5%. Entre as idades de 15 e 19 anos, esse percentual aumentou de 5,2% para 5,9% de 2008 a 2013 e reduziu de 6% para 5,5% em 2014 e 2018, respectivamente, correspondendo a cerca de 5,2% em homens e 6,9% em mulheres nos 10 anos avaliados [4].

O Quadro 1 demonstra a prevalência dos casos de HIV/AIDS na adolescência entre 10 a 19 anos com base nos dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde em parceria com o instituto UNAIDS.

Quadro 1: prevalência dos casos de HIV/AIDS na adolescência entre 10 a 19 anos

Infecções por período	Idade entre 10 a 14 anos	Idade entre 15 a 19 anos
2007 a 2019 300.496	746 (0,2%)	17.169 (5,7%)

2008 a 2018	750 (+0,6%)	-----
2008 a 2013	-----	18.182 (+5,9%)
2014 a 2018	-----	17.182 (-5,5%)

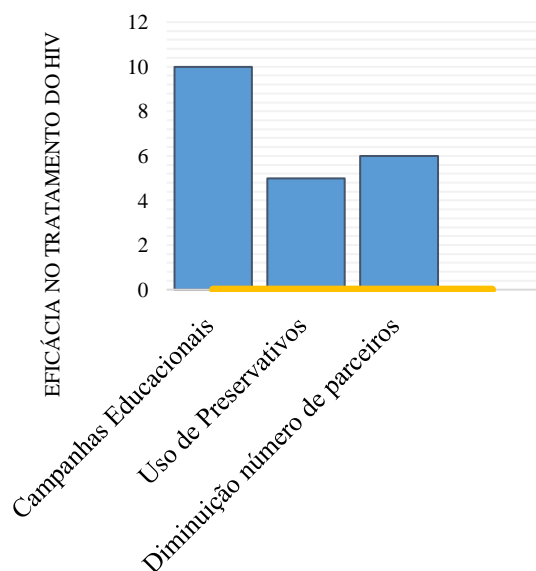
O Quadro 2 indica as principais formas de prevenção e tratamento a serem incluídos na rotina dos adolescentes infectados pelo HIV/AIDS de acordo com as diretrizes do Ministério da Saúde.

Quadro 2: as principais formas de prevenção e tratamento a serem incluídos na rotina dos adolescentes infectados pelo HIV/AIDS [7]

Tratamento	Prevenção
Uso de medicamentos, apoio psicológico e familiar além de visitas periódicas as unidades de saúde.	Uso de camisinhas, diminuição de parceiros sexuais, palestras e campanhas educacionais, não compartilhar matérias perfurocortantes.

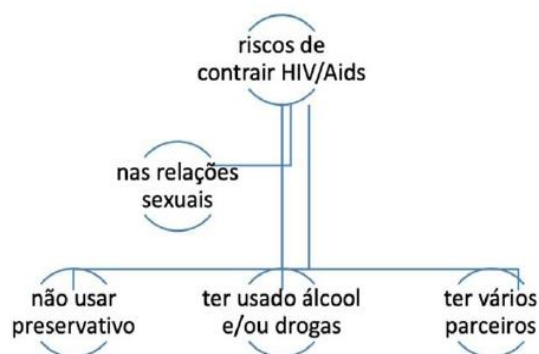
No Gráfico 1 são apresentados os indicadores das políticas de saúde pública que apresentam maior eficácia na prevenção do HIV/AIDS em adolescentes, numa escala de 0 a 10, onde zero é totalmente ineficiente e dez é totalmente eficiente.

Gráfico 1: indicadores das políticas de saúde pública que apresentam maior eficácia na prevenção do HIV/AIDS em adolescentes



A Figura 1 aponta os principais riscos de contrair HIV/AIDS nas relações sexuais entre os adolescentes. Os de maior destaque são: não usar preservativo, ter usado álcool e/ou drogas, e ter relações sexuais com vários parceiros [12].

Figura 1: Organograma da categoria riscos de contrair HIV/AIDS nas relações sexuais [12]



Perante a leitura e análise dos resultados, de acordo com o Quadro 1 a incidência e exposição ao HIV é ainda pouco notada no grupo que compreende adolescentes entre 10 a 14 anos. Outro fator de destaque é que neste grupo a via de infecção é prioritariamente vertical, ou seja, a geração que nasceu infectada pelo vírus. Já nos indivíduos com idade superior aos 14 anos, a principal via de transmissão ainda é a sexual. Subtende-se que nessa faixa etária, dos 15 aos 19 anos, é onde a maioria dos adolescentes inicia a vida sexual, estando mais propensos a adquirirem uma IST. Além disso, evidenciou-se um aumento na incidência de HIV nos adolescentes entre 15 e 19 anos, especialmente no sexo masculino.

No Quadro 2 foi possível compreender que a adesão ao tratamento é fundamental para a promoção e prevenção a novos casos de HIV/AIDS. Além disso, vale ressaltar que aproximadamente um terço da população mundial encontra-se na adolescência (entre 10 e 19 anos) e segundo dados da OMS, é nesta faixa de idade que se concentra metade das infecções por HIV. A maioria dos jovens inicia uma vida sexualmente ativa na adolescência e muitos antes dos 15 anos de idade. No Brasil, estima-se que, anualmente, quatro milhões de jovens tornam-se sexualmente ativos.

As ISTs estão entre as cinco principais causas de busca pelos serviços de saúde em países em desenvolvimento. Segundo a OMS, a estimativa é de que 1 em cada 20 adolescentes na faixa etária dos 15 aos 19 anos irá adquirir uma IST (não incluindo a AIDS e as hepatites) a cada ano. Dentre as IST, o HIV/AIDS ainda permanece como um desafio à saúde pública mundial. Diante dessa afirmativa, foi possível constatar a partir do Gráfico 1 que as políticas de saúde pública promovidas pelo MS são fundamentais para a diminuição da incidência do HIV/AIDS.

Seguindo a escala de 0 a 12 proposta pelo MS, com 10 pontos aparecem as campanhas educacionais que são muito eficazes, seguida pela diminuição do número de parceiros que aparece com 6 pontos nesta escala, ou seja, 50% de eficácia. Por fim, aparece a campanha de distribuição gratuita e uso de preservativos com 4,7 pontos, de forma que a resistência ao uso da camisinha ainda é a principal forma de contágio pelo HIV entre os

adolescentes. Essa escala serve como ponto norteador para implementação das políticas de saúde pública.

De acordo com os dados expostos no organograma descrito na Figura 1, é possível compreender que as principais formas de contágio do HIV/AIDS estão relacionadas as relações sexuais. Dentre os vários fatores de risco, é possível destacar três como os principais: não usar preservativo, ter ingerido álcool, drogas ou ambas substâncias e a multiplicidade de parceiros que é uma característica marcante no comportamento dos adolescentes, com o intuito de serem aceitos em seus nichos sociais.

Conclusão

Após a verificação dos estudos que envolvem a AIDS na adolescência, foi possível identificar que este é um problema de saúde pública nacional e mundial. Esta constatação se dá a partir da análise dos fragmentos acadêmicos que foram analisados.

Os autores têm unanimidade em afirmar que a AIDS na adolescência tem como principais fatores de risco a utilização de drogas ilícitas, a pluralidade de parceiros e o sentimento de invulnerabilidade por parte dos adolescentes, pois acham que AIDS nunca irá os alcançar. Aliado a isso, é falta do uso de preservativo durante as relações sexuais tem incidência enorme no Brasil, mesmo com as políticas de saúde pública e as campanhas contra a AIDS que garantem a distribuição gratuita de preservativos nos postos de saúde em todo o território nacional.

A assistência de enfermagem é fundamental durante todas as fases do tratamento, desde a descoberta do contágio por teste rápido até o acompanhamento da terapia retroviral disponibilizada gratuitamente pelo SUS.

A preparação profissional do enfermeiro no enfrentamento ao HIV/AIDS é primordial para que o adolescente infectado tenha uma qualidade de vida normal, se sinta acolhido e sinta segurança neste profissional para expor suas dúvidas e angústias. Outro passo importante é oferecer apoio psicológico tanto para o paciente como para sua família, além de cobrar sua presença nas consultas periódicas de acompanhamento.

O trabalho mostra a necessidade de um olhar mais holístico por parte do enfermeiro em relação ao diagnóstico e cuidados ao adolescente portador de HIV.

Referências

- [1] Azevedo LCMM, Costa MO. A importância da conscientização da IST na adolescência e como a enfermagem pode contribuir para a diminuição destas infecções. *Res Soc Develop.* 2021; 10(13):128-36.
- [2] Alves LS, Aguiar RS. Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: Uma revisão integrativa. *Rev Nurse.* 2020; 23(263):3683-87.

- [3] Ministério da Saúde (BR). Departamento passa a utilizar nomenclatura "IST" no lugar de "DST". 2017. [internet]. Brasília-DF; 2022 [acesso em 24 jun. 2022]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/ptbr/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>
- [4] Ministério da Saúde (BR). HIV e AIDS. Biblioteca Virtual em Saúde. Ministério da Saúde. Brasília; DF. 2019. [internet]. Brasília-DF; 2022 [acesso em 24 jun. 2022]. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/dicas-em-saude/2409-hiv-e-aids>
- [5] Ministério da Saúde (BR). Aids / HIV: o que é, causas, sintomas, diagnóstico, tratamento e prevenção. 2020. [internet]. Brasília-DF; 2022 [acesso em 24 jun. 2022]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/ptbr/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>
- [6] Ministério da Saúde (BR). Campanha do ministério da saúde: contra a AIDS “Prevenir é sempre a melhor escolha”. Brasília, 2021. [internet]. Brasília-DF; 2022 [acesso em 24 jun. 2022]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/ptbr/campanhas/ministerio-da-saude-contra-a-aids>
- [7] Ministério da Saúde (BR). Aids/HIV: O que é, causas, sintomas, diagnóstico, tratamento e prevenção. Brasília; 2022. [internet]. Brasília-DF; 2022 [acesso em 24 jun. 2022]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/ptbr/campanhas/o-que-e-causas-sintomas-diagnostico-tratamento-e-prevencao>
- [8] Ciriaco NLC, Pereira LAAC, Júnior PHAC, Costa RA. A importância do conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas. *Rev Ação Exten.* 2019; 18(1):63-80.
- [9] Costa AR, Nobre CMG, Gomes GC, Alvarez SQ, Ribeiro JP, Rosa, GSM. Dificuldade encontradas pela família no cuidado à criança/adolescente com HIV. *Rev Enfer UERJ.* 2019; 27(e-42264):1-7.
- [10] Costa AR, Nobre CMG, Gomes GC, Ribeiro JP, Mota MS, Minasi ASA. Mudanças no viver a partir do diagnóstico da criança/adolescente com HIV/AIDS e facilidades encontradas no cuidado. *Res Soc Develop.* 2020; 9(7):e55973707.
- [11] Ferro LD, Martins LL, Correia LP, Machado PHRO, Vaz LP, Ferreira EA, Amaral WN. Incidência de infecção pelo HIV e mortalidade por aids em adolescentes no Brasil. *Braz J Health Rev.* 2021; 4(3):9779-86.
- [12] Garcia EC, Costa IR, Oliveira RC, Silva CRL, Góis ARL, Abrão FMS. Representações sociais de adolescentes sobre a transmissão do HIV/AIDS nas relações sexuais: vulnerabilidades e riscos. *Rev Esc Anna Nery.* 2021; 8(2):29-36.
- [13] Monteiro RSM, Feijão AR, Barreto VP, Silva BCO, Neco KKS, Aquino ARG. Ações educativas sobre prevenção de HIV/AIDS entre adolescentes em escolas. *Rev Electr Enferm Actu Costa Rica.* 2019; 8(1):0-ino:37.36749.

- [14] Pinto Neto LFS, Perini FB, Aragón MG, Freitas MA, Miranda AE. Protocolo brasileiro para infecções sexualmente transmissíveis 2020: infecção pelo HIV em adolescentes e adultos. *Epidemiol Serv Saude*. 2021; 30(esp1):e2020588.
- [15] Paula CC, Kleinubing RE, Ferreira T, Langendorf TF, Padoin SMM. Avaliação da coordenação do cuidado: Crianças e adolescentes com condição crônica de infecção pelo HIV. *Cienc Cuid Saude*. 2020; 19:e50371.
- [16] Silva DPE, Oliveira DC, Marques SC, Hipólito RL, Costa TL, Machado YY. Representações sociais da qualidade de vida de jovens que vivem com HIV. *Rev Bras Enferm*. 2021; 74(2):e20200149.
- [17] United Nations Programme on HIV/Aids (UNAIDS). Você sabe o que é hiv e o que é aids? 2021. [internet]. Brasília-DF; 2022 [acesso em 24 jun. 2022]. Disponível em: <https://unaid.org.br/2021/08/unaid-lanca-guia-viver-em-positivo-destinado-a-jovens-vivendo-com-hiv/>